Opinião Liberal

Culto ao Terror

Editorial da Folha de São Paulo (12 de fevereiro de 2006)

Um jornal argentino de prestígio, não faz muito tempo, publicou charge certamente ofensiva aos brasileiros. Éramos retratados na figura de um macaquinho, usando chapéu palheta e camisa listrada, a evacuar produtos industrializados sobre o mapa do país vizinho.

Embora destituído de conotações teológicas -vivia-se apenas um dissenso comercial, entre os muitos que compõem a enfadonha história do Mercosul-, o desenho era sem dúvida grosseiro e carregado de preconceito, que todo humor, em alguma medida, implica. Registraram-se protestos enfáticos e, logo após, os correspondentes pedidos de desculpa. Enquanto isso, ninguém se mobilizou para pisotear a bandeira argentina, depredar consulados ou publicar, em represália, caricaturas hostis à imagem de Evita Perón, Sarmiento ou Diego Maradona. Há alguns anos, o fotógrafo nova-iorquino Andres Serrano expôs, sob o título de "Piss Christ", a foto de um crucifixo mergulhado em um aquário repleto de urina. A obra, de péssimo gosto, suscitou escândalo entre muitos cristãos, que também questionavam a legitimidade do patrocínio federal concedido às experimentações do artista. Não se tem informação, entretanto, de que cidadãos americanos residindo em Roma, Lourdes, Dublin ou Aparecida do Norte tenham sofrido ameaças à sua integridade física.

Pode-se até entender que, no mundo islâmico, a publicação de charges representando -ainda mais satirizando- o profeta Muhammad suscite movimentos de acerba indignação. Pedidos de desculpa, tentativas oficiais de reparação, manifestações de apreço aos dogmas do islamismo pouco seriam capazes de fazer, entretanto, contra a histeria fundamentalista, para a qual conceitos como liberdade e tolerância não fazem nenhum sentido. Caricaturas num jornal dinamarquês, ainda que insultuosas, não impedem ninguém de praticar a sua religião. Em Teerã ou Beirute, fanáticos querem entretanto impedir que alguém na Dinamarca escreva, leia e veja o que bem entender.

Lideranças muçulmanas julgaram oportuno lembrar, nessa conjuntura, que o Ocidente "perdeu o senso do sagrado". A pertinência da observação está sujeita a debate; que não seja motivo, entretanto, para aceitar com timidez e culpa a violência de sectários e extremistas.

Quando a TV exibe imagens de pré-adolescentes marchando uniformizados, de fuzis ao ombro, a gritar palavras de vingança, não é de "senso do sagrado" que se trata. Quando funcionários de organizações filantrópicas são ameaçados de morte simplesmente por terem origem européia, não são os valores espirituais da paz e da generosidade humana que estão sendo defendidos. Se um seguidor do Corão se sente ofendido quando alguém identifica o islã ao terrorismo, não é jogando coquetéis molotov em embaixadas que irá refutar essa acusação. Mais do que o "senso do sagrado" -que dispensa desfiles militares, tiros de metralhadora para o ar, cenas de apedrejamento e atentados a bomba-, está em jogo aqui o senso da convivência pacífica, que concebe diversas formas de reparação civil quando suscetibilidades ou direitos são atingidos pela crítica. A liberdade de expressão é um valor universal que está acima das peculiaridades de cultura e das veleidades de cada crença particular. Ela é a condição de existência da própria liberdade de religião e das demais liberdades.

Mas fanáticos não querem reparação nenhuma. Querem impor, sobre cidadãos de todo o mundo, que a muito custo conquistaram sua própria liberdade, uma lei que se baseia no obscurantismo, na intolerância, no preconceito e no terror.